

## **ARMADILHAS DISCURSIVAS EM *ANIMAL FARM*: UMA REFLEXÃO SOBRE O USO DA LÍNGUA/LINGUAGEM PARA IMPLANTAR E SUSTENTAR RELAÇÕES DE PODER.**

### **Resumo:**

Este artigo tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre como a língua/linguagem pode ser empregada para convencer, implantar e sustentar relações de poder. A investigação teve como corpus a fábula *Animal Farm* (1945) de George Orwell, e a sua tradução para a língua portuguesa, *A Revolução dos Bichos*, realizada por Heitor Aquino Ferreira na edição de 2007 publicada pela Companhia das Letras. Especificamente, observou-se como o agente do discurso argumenta através de escolhas linguísticas e estratégias discursivas, sobre os fatos ocorridos na fazenda após a revolução. Será observado, ao final do estudo, que a manipulação através do discurso encontrará o silêncio daqueles que, convencidos de inexorabilidade das configurações políticas que se delineiam, aceitam-na como via de mão única para a concretização de um ideal.

**Palavras-chave:** linguagem; discurso; ideologia.

## **DISCURSIVE TRICKS: A REFLECTION ON THE USE OF LANGUE/LANGUAGE TO ESTABLISH AND MAINTAIN RELATIONS OF POWER.**

### **Abstract:**

The aim of this article is to present a reflection on how langue/language can be used to convince, establish and maintain relations of power. The corpus of this study was the fable *Animal Farm* (1945) by George Orwell and its translation into Portuguese, *A Revolução dos Bichos* made by Heitor Aquino Ferreira in the edition of 2007 published by Companhia das Letras. Specifically, we attempt to examine how the agent of the discourse argues, through the linguistic choices

and discursive strategies, about the post-revolution situations in the farm. I will be observed, at the end of this study, that the manipulation through discourse will cause the silence those, who, convinced of the inevitability of the political configuration that is being drawn, believe it as the only way to achieve the realization of a dream.

**Keywords:** *language; discourse; ideology.*

## Introdução

O artigo que ora apresentamos faz parte dos estudos realizados para compor a dissertação de mestrado na Pós Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

Para abrir as reflexões que seguem, destacamos a observação de Barthes (2007, p. 5) de que “[a] língua não se esgota na mensagem que engendra, pode sempre fazer ressoar outra coisa para além do que é dito”. Sob esta perspectiva de pensar a língua, busca-se exemplos na obra *Animal Farm*, concatenando-os com a tradução na língua portuguesa *A Revolução dos Bichos*, de como a língua/linguagem pode ser usada em prol de objetivos pré-determinados e em favor de determinada classe ou grupo, que se encontram numa posição hierárquica superior em uma dada sociedade ou grupo social. A escolha da obra para analisar as marcações linguísticas de cunho ideológico se deve, entre outros fatores por ser lançada após a II Grande Guerra e em pleno período chamado de “Guerra Fria”.

Os textos literários muitas vezes se encontram intrinsecamente relacionados com o contexto social no qual foram produzidos. *Animal Farm*, a história dos animais que se rebelam contra a dominação do homem na fazenda Granja do Solar, como nos relata Luis Wilson (2009), tornou-se célebre como uma das primeiras críticas ao regime soviético, tendo inclusive o ano de publicação inicial: 1944, prorrogado, pois nessa época a URSS era ainda aliada dos EUA e da Inglaterra em razão da Segunda Grande Guerra. De acordo com Bloom (1991, p. 10), a narrativa estabelece equivalências com a história da ação política na Rússia desde os duros tempos de 1917 até a Segunda Grande

Guerra. Afirma, também, que a fábula não representa apenas uma alegoria da política Russa do século XX, mas uma anatomia de todas as revoluções políticas, em que os mais fracos tomam o poder e, em seguida, corrompem-se pelo e em razão do próprio poder que tomaram.

Importante salientar que o gênero literário fábula, no qual animais representam tipos humanos e cujas histórias comportam, via de regra, lição de moral, e ainda, a obra em questão, estando repleta de simbologias, permite abordagem voltada ao estudo dos fenômenos de intertextualidade e de interdiscursividade, no qual sobressaem tramas ideológicas. O discurso da personagem, porta voz dos líderes, exemplificado neste artigo por meio de alguns excertos selecionados, apresenta-se arquitetado por recursos linguísticos que engloba, entre outros, jogos lexicais, expressões, e estratégias discursivas que encobrem as intencionalidades implícitas do agente do discurso e, desta maneira, consegue convencer os interlocutores sobre a situação que se apresenta e, que os novos líderes estão fazendo tudo por “eles”, em prol da nova sociedade, da sociedade *igualitária*, razão da revolução.

## 1 Apontamentos sobre a obra *Animal Farm*

Publicada em 1945, ao final da Segunda Grande Guerra, a obra que tem como título original: *Animal Farm - a fairy story*. É considerada um dos grandes clássicos da literatura mundial. Quando lançada, depois de ser rejeitada por vários editores, entre eles o poeta T.S. Elliot, como informado na edição de 2007 da editora Companhia das Letras, causou grande mal-estar no meio literário da época, pois foi percebida como uma sátira feroz da ditadura stalinista e os soviéticos ainda eram vistos como aliados na luta contra o nazismo.

Obra fabulesca, enquanto gênero literário, narra a revolta dos animais da fazenda Granja do Solar, que após a revolução passou a ser chamada Granja dos Bichos. Movimento de protesto contra as condições de vida e trabalho forçado aos quais os animais estavam sendo submetidos pelo fazendeiro, o Sr. Jones. A trama sublinha a trajetória dos líderes da revolução, os porcos: *Napoleon* e *Snowball* – traduzidos respectivamente como *Napoleão* e *Bola de Neve*. Acreditando no projeto, todos os bichos da fazenda concedem às suas

lideranças plenos poderes, tendo em vista serem eles os mais instruídos. Esta informação provém da “voz” do narrador, tal como exemplificado abaixo:

A tarefa de instruir e organizar os outros recaiu naturalmente sobre os porcos, reconhecidos como os mais inteligentes dos bichos. (...) Os porcos não trabalhavam propriamente, mas dirigiam e supervisionavam o trabalho dos outros. Donos de um conhecimento maior, era natural que assumissem a liderança. (ORWELL, 2007, p. 18).

Com a tomada da Granja do Solar, a revolução adquire organização específica. Para levar a cabo o projeto, os porcos letrados começam a implantar regras, normas e leis para consolidação da revolução. Prescrevem sete mandamentos, que constituem os princípios básicos do Animalismo, filosofia instaurada pelos porcos, a qual estabelecia como princípio central que todos os animais fossem considerados iguais e que os humanos fossem considerados inimigos a serem combatidos. Assim, uma bandeira é erguida e torna-se o símbolo da Revolução. Uma canção, “Bichos da Inglaterra” é composta e entoada por todos os animais da fazenda. Com isso, se dá início, na visão dos animais, a realização do sonho coletivo. Finalmente, o desejado futuro se delinea no horizonte.

Com o avanço da narrativa, a doutrina inicial da nova sociedade progressivamente se altera. Os clamores de justiça e igualdade, que conduziram os animais aos ideais da revolução, são “reprimidos” em benefício dos interesses individuais daqueles que assumiram o poder. Na medida em que alterações remissivas aos princípios básicos da revolução eram realizadas, surgem várias justificativas por parte dos novos governantes, os quais passam imediatamente a tomar atitudes autoritárias e repressivas. Os animais são persuadidos a aceitar os fatos como verdadeiros e, por extensão, as decisões dos líderes, principalmente através dos discursos proferidos pelo porta voz do poder, o porco *Squealer*, cujo nome foi traduzido em português como *Garganta*, visto remeter à habilidade da retórica e do discurso persuasivo por ele praticado. A gênese das exposições discursivas presentes nas idéias proferidas por essa personagem fica registrada em vários patamares linguísticos, inclusive nos mais básicos, por exemplo, quando da seleção de unidades lexicais que participam na composição das proposições que caracterizam a formação discursiva. Os recursos linguísticos anexos, os jogos lexicais, o uso de expressões e escolha

sintática, marcam sobremaneira as intencionalidades implícitas no discurso da personagem, como mostramos nas análises a seguir.

## 2 Análise dos fragmentos de discursos proferidos por *Squealer/Garganta*

Os discursos da personagem Squealer (Garganta), com sua função de porta voz, giram em torno de justificativas de situações, de decisões, para os acontecimentos que sucedem na fazenda, geralmente envolvendo o líder Napoleão. Apresentamos três fatos ocorridos na nova sociedade nas quais Squealer interfere com seus discursos. Os excertos são apresentados como foram descritos na obra publicada em língua inglesa (1996) e na tradução de Heitor Aquino Ferreira (2007) em língua portuguesa e, em seguida, a análise realizada.

Fato A - O capítulo III apresenta o discurso da personagem Squealer justificando o fato dos líderes dos porcos, mais especificamente, Napoleão e Bola de Neve, tomar para eles todo o leite e a colheita das maçãs:

“Comrades!” he cried. “You do not imagine, I hope, that we pigs are doing this in a spirit of selfishness and privilege? Many of us actually dislike milk and apples. I dislike them myself. Our sole object in taking these things is to preserve our health. Milk and apples (this has been proved by Science, comrades) contain substances absolutely necessary to the well-being of a pig. We pigs are brainworkers. The whole management and organization of this farm depend on us. Day and night we are watching over your welfare. It is for *your* sake that we drink that milk and eat those apples. Do you know what would happen if we pigs failed in our duty? Jones would come back! Yes, Jones would come back! Surely, comrades,” cried Squealer almost pleadingly, skipping from side to side and whisking his tail, “surely there is no one among you who wants to see Jones come back?” (p. 35).

“Camaradas!”, conclamou. “Não imaginais, suponho, que nós, os porcos, fazemos isso por espírito de egoísmo e privilégio. Muitos de nós até nem gostamos de leite e de maçã. Eu, por exemplo, não gosto. Nosso objetivo ao ingerir essas coisas é preservar a saúde. O leite e a maçã (está provado pela ciência, camaradas) contêm substâncias absolutamente necessárias à saúde dos porcos. Nós porcos somos trabalhadores intelectuais. A organização e a direção desta granja dependem de nós. Dia e noite velamos pelo vosso bem estar. É por vossa causa que bebemos aquele leite e comemos aquelas maçãs. Sabeis o que sucederia se os porcos falhassem em sua missão? Jones voltaria! Com toda certeza, camaradas!”, gritou Garganta, quase suplicante, dando pulinhos de um lado para outro e sacudindo o rabicho, “com toda a certeza, não há dentre vós quem queira Jones de volta.” (p.33).

Na passagem destacada, é possível inferir como os animais estavam sendo envolvidos e inseridos na trama ideológica traçada pelos dominadores e veiculada no discurso do representante, que semeia sentimento de proveito comum e de segurança. Para fundamentar seu discurso e para a eficácia da sua mensagem, observamos que a personagem utiliza-se de recursos que podem ser considerados estratégias discursivas que englobam desde as escolhas linguísticas, as estruturas frasais, os tempos verbais, as gestuais, os estilos expressivos, as entonações vocais e ainda a da sua representatividade na sociedade que se encontra inserida.

Citamos as locuções interrogativas: “*Do you know what would happen if we pigs failed in our duty?*” e imperativas: “*Jones would come back! Yes, Jones would come back!*” Essa forma de estruturar o discurso, utilizando efeitos contratemporais como os flashbacks, de acordo com Thompson (1998, p. 373) reflete a intenção ideológica do narrador. A experiência humana é histórica. Parece que constantemente nos valemos de resíduos do passado para compreender a situação presente, mas nem sempre os resíduos trazem clarificação do que estamos vivenciando no momento. Em circunstâncias específicas, nos diz Thompson (1998, p. 360) “podem também servir para esconder, obscurecer ou mascarar o presente”.

Portanto, a ideologia se faz notar nesta passagem com Squealer reportando-se a situações passadas enfatiza que como os animais não queriam que o antigo dono retornasse à fazenda, silenciaram: “*Now if there was one thing that the animals were completely certain of, it was that they did not want Jones back. When it was put to them in the light, they had no more to say*”. (p. 36). De acordo com Orlandi, o silêncio pode ser considerado tanto como a parte da retórica da dominação, da opressão como sua contrapartida, isto é, a retórica do oprimido (a da resistência):

Há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido e, de certa maneira, as próprias palavras transpiram silêncio. Há silêncio nas palavras. (ORLANDI, 1997, p.11)

Neste mesmo fragmento, pode-se observar como ardilosamente Squealer, justifica o fato de o leite e das maçãs ficarem apenas com eles, os líderes, os *brainworkers* - os “trabalhadores intelectuais”, como bem traduziu Ferreira - ,

manipulando e convencendo os animais com justificativas baseadas na “ciência”, uma estratégia discursiva que de acordo com Charaudeau (2009, p. 54) “documentos e objetos que são exibidos ou referidos funcionam como provas concretas”: *“Milk and apples (this has been proved by Science, comrades) contain substances absolutely necessary to the well-being of a pig”*.

Os animais, os receptores do discurso, não se pronunciam a este respeito, não contradizem esta evidência, talvez por desconhecimento ou por aceitarem os argumentos do emissor, razão que pode advir do fato de ser ele, assim como os líderes, um porco com credenciais respaldadas pela sociedade que estava se formando, como nos revela Bourdieu (1996, p. 87): “o uso da linguagem, ou melhor, tanto a maneira, como a matéria do discurso, depende da posição social do locutor”.

Neste fragmento nota-se também o uso repetitivo do pronome da primeira pessoa do singular “I” e do pronome da primeira pessoa do plural “we” (respectivamente “eu” e “nós” na língua portuguesa), o que, de acordo com Kock (1992, p. 15), no discurso o indivíduo se “apropria” da língua, instaurando-se como “eu” e, concomitantemente, instaurando o outro como “tu”: “É uma enunciação que pressupõe um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar o outro de alguma maneira”.

Neste sentido, o uso dos pronomes referidos marca uma linha que estabelece além da divisão de classe como se observa na passagem: *“The whole management and organization of this farm depend on us”*; e o poder que se pretende estabelecer e sustentar: *“Do you know what would happen if we pigs failed in our duty?”*. Ainda os pronomes marcam a “obrigatoriedade” da classe subordinada em aceitar os fatos, pois a resistência geraria falência do governo, uma vez que: *“Day and night we are watching over your welfare”*.

Fato B - O capítulo V expõe a explicação da personagem Squealer sobre a decisão do porco Napoleão em expulsar Bola de Neve, um dos porcos líderes da fazenda após a revolução:

“Comrades,” he said, “I trust that every animal here appreciates the sacrifice that Comrade Napoleon has made in taking this extra labour upon himself. Do not imagine, comrades, that leadership is pleasure! On the contrary, it is a deep and heavy responsibility. No one believes more firmly than Comrade



Napoleon that all animals are equal. He would be only too happy to let you make your decisions for yourselves. But sometimes you might make the wrong decisions, comrades, and then where should we be? Suppose you had decided to follow Snowball, with his moonshine of windmills – Snowball, who, as we know now, was no better than a criminal?”

“He fought bravely at the Battle of the Cowshed”, said somebody.

“Bravery is not enough”, said Squealer. “Loyalty and obedience are more important. And as to the Battle of the Cowshed, I believe the time will come when we shall find that Snowball’s part in it was exaggerated. Discipline, comrades, iron discipline! That is the watchword for today. One false step and our enemies would be upon us. Surely, comrades, you do not want Jones back?” (p. 55).

“Camaradas”, ele disse, “tenho certeza de que cada animal compreende o sacrifício que o Camarada Napoleão faz ao tomar sobre seus ombros mais esse trabalho. Não pensem, camaradas, que a liderança seja um prazer. Pelo contrário, é uma enorme e pesada responsabilidade. Ninguém mais que o Camarada Napoleão crê firmemente que todos os bichos são iguais. Feliz seria ele se pudesse deixar-vos tomar decisões por vossa própria vontade; mas as vezes poderíeis tomar decisões erradas, camaradas; e então, onde iríamos parar? Suponhamos que tivésseis decidido seguir Bola-de-Neve, com suas miragens de moinho de vento – logo Bola-de-Neve, que, como hoje sabemos, não passava de um criminoso?”.

“Ele foi valente na Batalha do Estábulo”, disse alguém.

“Valentia não basta”, respondeu Garganta. “A lealdade e a obediência são mais importantes. E quanto à batalha do Estábulo, acredito tempo virá em que verificaremos que o papel de Bola-de-Neve foi muito exagerado. Disciplina, camaradas, disciplina férrea! Esse é o lema para os dias que correm. Um passo em falso, e o inimigo estará sobre nós. Por certo, camaradas, não quereis Jones de volta, hein?” (p. 48).

Perante o assombro dos animais em relação à expulsão de Bola de Neve, eis que novamente Squealer surge com sua destreza discursiva para “esclarecer” o fato. Neste excerto podemos perceber como a personagem, de forma extremamente sutil e ardilosa, leva os animais a aceitarem a idéia de que são “incapazes” para tomar decisões próprias, necessitando, pois, de um “líder”: “*But sometimes you might make the wrong decisions, comrades, and then, where should we be?*”. Nesta passagem, o porta voz sublinha a importância do líder, insistindo que somente ele tem capacidade de decidir sobre aquilo que seria melhor para todos. É importante refletir, com base em Eagleton (1997, p.11), que do ponto de vista ideológico ninguém seria incapaz por completo, as pessoas precisariam aprender a sê-lo: “É preciso ensinar-lhes ativamente essa definição, e alguns deles revelam-se bacharéis nesse processo”. Delineiam-se assim, alguns dos suportes ideológicos para a legitimação do poder de uma classe ou grupo social dominante, tal como ocorre na presente fábula. Os traços



ideológicos indicam para a incapacidade de um grupo em determinar direcionamentos, necessitando de um líder que os guie. Retomando aqui as palavras de Squealer/Garganta: “*where should we be?*”.

Ainda em relação a este mesmo excerto, quando “alguém” bravamente na Batalha do Estábulo, Squealer responde: “*Bravery is not enough, (...). Loyalty and obedience are more important. (...). Discipline, comrades, iron discipline!*”. Os elementos linguísticos, que podemos chamar de temas ou slogans: *loyalty*: lealdade; *obedience*: obediência; *discipline*: disciplina, são exemplos de elocuições por meio das quais a ideologia encontra fios emergentes em *Animal Farm*. Squealer se valendo de slogans ao invés de explicações, apaga quaisquer dúvidas ou questionamentos que os animais supostamente poderiam articular e como resultado, consegue os manter sob controle. Segundo Quintás (2009) determinadas palavras adquirem um prestígio especial em cada época da história, são as chamadas palavras “talismã”. O manipulador dos termos talismãs, segundo ele, sabe que ao introduzi-los em um discurso, provoca intimidação, conduzindo á aceitação do que se poderia chamar de “imposições”. Corroborando com este autor, Fiorin (2007, p. 25) sugere ainda que tais traços semânticos “(...) refletem uma visão de mundo, de valores e de crenças numa dada formação social”.

Para finalizar a análise deste fragmento gostaríamos de chamar atenção para a estrutura argumentativa do mesmo. Squealer combina fatos do tempo passado, presente e futuro para dar força argumentativa no seu discurso e projeta com isso, uma representação imaginária do receptor para, com isto, estabelecer suas estratégias discursivas. Com ajuda de adornos retóricos, como pode ser observado nas escolhas linguísticas: “*sacrifice*”, “*leadership*”, “*pleasure*”, “*deep and heavy*”, entre outras, consegue convencer seus ouvintes que na voz do narrador: “*Once again this argument was unanswerable*” (p. 56).

Fato C - No capítulo VI, tem-se o discurso da personagem Squealer sobre a questão de os porcos dormirem em camas:

“You have heard, then, comrades”, he Said, “that we pigs now sleep in the beds of the farmhouse? And why not? You did not suppose, surely, that there was ever a ruling against *beds*? A bed merely means a place to sleep in. A pile of straw in a stall is a bed, properly regarded. The rule was against

*sheets*, which are a human invention. We have removed the sheets from the farmhouse beds, and sleep between blankets. And very comfortable beds they are too! But not more comfortable than we need, I can tell you, comrades, with all the brainwork we have to do nowadays. You would not rob us of our repose, would you, comrades? You would not have us too tired to carry out our duties? Surely none of you wishes to see Jones back?" (p. 67)

“Com que então vocês, camaradas, ouviram dizer que nós, os porcos, agora dormimos nas camas da casa? E por que não? Vocês não supunham, por certo, que houvesse uma lei contra *camas*, não é? A cama é meramente o lugar onde se dorme. Vendo bem, um monte de palha no estábulo é uma cama. A lei era contra os *lençóis*, que são uma invenção humana. Nós retiramos os lençóis das camas da casa e dormimos entre cobertores. Confortáveis, lá isso são! Porém não mais do que necessitamos, posso afirmar, camaradas, com todo o trabalho intelectual que atualmente recai sobre nós. Vocês não seriam capazes de negar-nos o repouso, camaradas, seriam? Não desejariam nos ver tão cansados que não pudéssemos cumprir nossa missão, não é verdade? Será que alguém quer Jones de volta?” (p. 58).

Algumas estratégias discursivas e a manipulação da linguagem para sustentar o poder se manifestam explicitamente neste excerto destacado do capítulo VI, no qual a personagem justifica o fato de os porcos dormirem em camas. Fato este, proibido no Quarto Mandamento das sete leis que regiam a Granja dos Bichos – descritos na obra na página 24, a saber: “*No animal shall sleep in a bed*”.

Na construção da frase “*A bed is a merely place to sleep in*”, permite perceber a função da ideologia na relação de uma elocução com seu contexto social, e nas palavras de Eagleton (1997, p. 36): “mediante a distorção e a dissimulação”. A locução também pode ser interpretada como uma remontagem, pois se o quarto mandamento formulado para a sociedade *Animal Farm*, postula que: “*No animal shall sleep in a bed*” (p.24), a explicação para os porcos, especificamente os líderes da revolução, dormirem em camas tem como recurso argumentativo uma reinterpretação/reconstrução do fato e, como nos diz Charaudeau (2009, p. 56), “(...) o ideal de uma boa explicação consiste em poder remontar a origem dos fatos”.

As elocuições interrogativas presentes neste excerto como, por exemplo: “*And why not?*”; “*You did not suppose, surely, that was ever a ruling against beds?*”; “*You would not rob us of our repose, would you?*”, possibilitaram identificar que o discurso que cria a noção de erro e, portanto, o sentimento de culpa. “A estratégia básica das questões adquire a forma imperativa, isto é, as

questões são questões *obrigativas* – parentes das perguntas retóricas: questões diretas que se dá o nome de “questões objetivas”. (ORLANDI, 1987, p. 17). A estratégia, a posição final, parece com o esmagamento do outro

Do mesmo modo que Orlandi, Quintás (2009) afirma que uma forma de vencer o povo é a de *repetir*, uma vez ou outra, idéias ou imagens carregadas de intenção ideológica. Lançam-se chavões, fazem-se afirmações contundentes, propagam-se slogans na forma de sentenças carregadas de sabedoria. Esse bombardeio modela a opinião pública, e as pessoas acabam tomando o que se afirma como o que todos pensam, como o que todos falam. O normal.

Neste fragmento também se percebe a repetição do pronome da segunda pessoa do singular “*you*”. Como já citamos na análise e de acordo com Kock (1992, p.15), o uso de pronomes pessoais “tem a intenção de instaurar um “eu” e o outro como “tu”: é uma enunciação que pressupõe um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar o outro de alguma maneira”. Squealer migra para uma posição de poder enquanto o outro, “*you*” fica reduzido ao silêncio porque “precisa” colaborar com seus protetores ou a falência da causa será “culpa” deles. Mais uma vez Squealer consegue seus propósitos: “*The animals reassured him on this point immediately and no more was said about (...)*” (p.68).

### Considerações Finais

Constatamos na obra, que desde o discurso inicial do *Old Major*, o velho Major nomeado em *A Revolução dos Bichos*, seguindo com recursos comunicativos como a canção “Bichos da Inglaterra”, a prescrição dos sete mandamentos subscritos como princípios norteadores da nova sociedade, e os discursos de Squealer/Garganta, a ferramenta principal para manter e sustentar relações de poder resulta da linguagem e do discurso. Sem a linguagem e o poder exercido através da trama discursiva, a rebelião e a vitória de Napoleão pelo controle e comando da fazenda provavelmente não teriam se solidificado.

George Orwell explicita, por meio de sua fábula, a vulnerabilidade humana diante do poder incutido no *thesaurus* da língua. Também da abrangência polissêmica que um termo é passível de representar, gerando suas armadilhas

através da ideologia subjacente às palavras, mesmo sem o entendimento do significado profundo advindo do léxico constituído que, como peças de um quebra cabeça, formam discursos marcantes, como nos revela Steiner (2005, p.36): “O ponto crucial está na tonalidade, no efeito cumulativo de palavras chave e torneios frasais que podem ter atrás de si e, por assim disser, imediatamente abaixo de sua superfície um complexo campo de valores semânticos e éticos”.

Por meio dos discursos repletos de intencionalidades, de frases de impacto psicológico e com abusos de circunlóquios, a ficção passa a ser fato e assim vai se criando o mundo dos animais personificados. A agência principal da nova sociedade que vai se desenhando segue o viés da língua/linguagem, que se torna um espelho distorcido e não uma imagem transparente, clara, decifrável. Perguntamos então, se não temos, na sociedade atual, a linguagem expressada nas diferentes mídias, por meio não apenas através de signos, de palavras, mas ainda, através de imagens, sons, uma ferramenta que oprime enquanto forma opiniões e julgamentos, pois não agimos também em determinadas situações como os animais representados na fábula, aceitando fatos e situações sem contra argumentações? E ainda, se não temos no enunciado um sujeito interpelado pela ideologia, uma vez que seu dizer se encontra regulado pela sociedade que está incorporado, um sujeito assujeitado às coerções sócio-ideológicas e nunca dono do seu discurso?

Esta obra ficcional evidencia a linguagem como instrumento para a definição de conceitualizações e comportamentos em prol de representações coletivas. Fairclough, citado por Thanasoulas (2009), nos revela que subestimamos a importância da linguagem na produção, preservação e mudanças das relações de poder na sociedade e a contribuição para a dominação das pessoas. Igualmente destacamos as colocações de Barthes (2007, p. 4) quando afirma que não vemos o poder que reside na língua, “porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva”. A língua, segundo ele, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista, ela é simplesmente fascista: “pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer”.

### **Referências Bibliográficas**

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

BLOOM, Harold. *George Orwell's Animal Farm*. Chelsea House Publishers, 1991. Disponível em <http://www.questia.com/PM.qst?a=o&d=98116644>. Acesso em setembro de 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. Tradução de Sérgio Miceli at all. São Paulo: Edusp, 1996.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. Tradução de Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2009.

EAGLETON, Terry. *Ideologia*. Tradução de Luís Carlos Borges e Silvana Vieira. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. 8ª edição. São Paulo: Ática, 2007.

KOCK, Ingedore Villaça. *A Inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2ª ed.. São Paulo: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 4ª ed.. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 1997.

ORWELL, George. *Animal Farm: a fairy story*. New York: USA, Signet Classics, 1996.

\_\_\_\_\_. *A Revolução dos Bichos: um conto de fadas*. Tradução de Heitor Aquino Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

QUINTÁS, Alfonso Lopes. *A manipulação do homem através da linguagem*. Tradução Elie Chadarevian. Disponível em [http://www.hottopos.com/mp2/alfonso.htm#\\_ftn3](http://www.hottopos.com/mp2/alfonso.htm#_ftn3). Acesso em: outubro 2009.

STEINER, George. *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*. Tradução de Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora da UFPR, 2005.

THANASOULAS, Dimitrios. *Language and Power in Education*. 2009. Disponível em [http://www.developingteachers.com/articles\\_tchtraining/power1\\_dimitrios.htm](http://www.developingteachers.com/articles_tchtraining/power1_dimitrios.htm). Acesso em: outubro 2009.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 2ª ed.. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

WILSON, Luis. *A Revolução dos Bichos*: uma análise da União Soviética através da literatura. 2009. Disponível em <http://www.historia.uff.br/nec/autor/luis-wilson>. Acesso em: Junho de 2010.

---

<sup>i</sup> A opção por citar os fragmentos na versão original em língua inglesa e a respectiva tradução para a língua portuguesa se deve ao fato de considerar importante mostrar ao leitor os usos lexicais que compõem a estrutura discursiva dos excertos selecionados em ambas as línguas.